

XVIII

CIC

XI ENPOS
I MOSTRA CIENTÍFICA



Evoluir sem extinguir:
por uma ciência do devir



A FRAGMENTAÇÃO DO SER NA TRAVESSIA DA HISTÓRIA

MOREIRA, Simone Xavier¹, SPAREMBERGER, Alfeu²

¹ Acadêmica do curso de especialização em Letras - Literatura Comparada
Universidade Federal de Pelotas. simonexmoreira@uol.com.br

² Doutor em Letras. Professor de Literatura da Faculdade de Letras/UFPel.
alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho desenvolvido a partir da disciplina Literaturas Lusófonas II, do Curso de Especialização em Letras: Literatura Comparada da UFPel, ministrada pelo Professor Dr. Alfeu Sparemberger propõe-se a analisar o processo de autoconhecimento e resgate cultural e identitário de indivíduos oriundos de nações que estiveram na condição de colônia e, portanto sofreram um processo de aculturação – no caso Moçambique e Brasil –, a partir da articulação entre o romance *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* de Mia Couto e o conto *A terceira margem do rio* de João Guimarães Rosa.

A constituição dos sistemas literários destes países iniciou-se muito mais como forma de realizar uma literatura pela qual pudessem se expressar, do que como um processo de adaptação a cultura dos colonizadores. Este elemento precisa ser destacado, não por simples registro, mas por ser constitutivo da identidade destas literaturas e, portanto, repercute na leitura destes textos. O contexto é determinante na compreensão destas literaturas que sofrem “a tensão entre o dado local (que se apresenta como substância da expressão) e os moldes herdados da tradição européia (que se apresentam como forma da expressão)” (CANDIDO, 1979, p. 30).

2. A FORMAÇÃO DA LITERATURA BRASILEIRA

A constituição de um sistema literário – processo sofrido pelo Brasil há aproximadamente duzentos anos – é bastante recente para os países africanos de língua oficial portuguesa, nos quais, somente no final do século passado começou de fato a funcionar dinamicamente a articulação entre autor, obra e público, como um sistema orgânico, em que os aspectos de produção, recepção e tradição funcionam integrados, elementos, que segundo Cândido, são constitutivos de um sistema literário nacional.

Para o crítico, é no Romantismo que se inicia de fato a literatura brasileira, pois é neste período pós-independência, que os autores se dirigem para a realidade local do Brasil comprometendo-se com a construção da nação, conscientes de seu papel, capazes de consolidarem uma obra que estimule a formação de um público, de

modo que com esses três elementos se promovia a "continuidade literária" (CÂNDIDO, 2007, p.25).

Candido destaca a situação dos escritores brasileiros, que se sentiam frequentemente "tolhidos" de sua criatividade "pelo peso do sentimento de missão, que acarretava a obrigação tácita de descrever a realidade imediata" (CÂNDIDO, 2007, p. 28), fato que "favoreceu a expressão de um conteúdo humano" (CÂNDIDO, 2007, p. 29) e contribuiu para o "sentido histórico e excepcional poder comunicativo" da literatura brasileira, tornando-a "língua geral duma sociedade à busca de autoconhecimento" (CÂNDIDO, 2007, p.29).

"Depois da Independência o pendor se acentuou, levando a considerar atividade literária como parte do esforço de construção do país livre, em cumprimento a um programa, bem cedo estabelecido, que visava à diferenciação e particularização dos temas e modos de exprimi-los. (CÂNDIDO, 2007, p. 28)

Esse "esforço de glorificação dos valores locais" é segundo Candido, "fruto de condições históricas" (CÂNDIDO, 2007, p.29), de um desejo de desenvolver autonomia e unidade quando o Brasil deixou de ser colônia e se tornou nação. Isso impõe à consciência brasileira a necessidade de construir uma identidade nacional, tornando-a a missão de todo o escritor.

3. A FUNÇÃO DA LITERATURA AFRICANA

Em África, os poetas e escritores no período pré-independência utilizaram-se da poesia como uma "arma de combate" contra o colonizador, encorajando os colonizados a resistência e a luta por libertação. O compromisso destes poetas não era com a forma, mas com a mensagem ideológica.

Com o fim da guerra, muda o papel do escritor e surge a necessidade de refletir sobre o fazer literário. Hoje, afastados da obrigação de falar da negritude, do nacionalismo e de demais temas relacionados a situação de dominação, estes escritores resgatam a temática característica da literatura africana no período colonial, como forma de rever a história.

O choque das diversas tribos da África com a cultura e a identidade da civilização da conquista e exploração dá origem a um novo povo africano. À medida que a literatura deste povo emerge no panorama da cultura, com as diversas literaturas nacionais que a compõem, reivindicam sua própria identidade. Mas qual é esta identidade, visto que após um irreversível processo de aculturação já não é mais possível falar de uma identidade genuinamente negra, mas de uma cultura híbrida, resultado do contato entre dois universos? Ambos fazem parte de sua formação intelectual, de forma que há nestas literaturas uma série de imagens fantásticas, de costumes e realidades diferentes que se misturam.

4. UM RIO CHAMADO TEMPO, UMA CASA CHAMADA TERRA

Mia Couto rompe com a tradição ao abordar, sobre outra perspectiva, os temas propostos pela geração anterior. Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, o autor apresenta Luar-do-Chão, uma Moçambique fictícia em estado de abandono, miséria e decadência que deixa claro que a realidade sonhada para os tempos de liberdade não se concretizou. Para o povo, a realidade pós-colonial parece igual ou ainda pior. Ele reflete sobre a complexidade da relação "colonizador

versus colonizado” concluindo que estes estão culturalmente imbricados. Não é mais possível separá-los. O que resulta deste processo é um hibridismo cultural – uma cultura originada da fusão de duas outras.

Couto não assume para si a missão, que outrora tiveram os escritores e poetas africanos, de lamentar e divagar a cerca do resgate das raízes africanas, de uma identidade que não existe mais, de uma cultura modificada pela cultura do branco, do europeu, do colonizador. O narrador – Marianinho – é a materialização deste pensamento. Por ser ele um sujeito híbrido, carrega em si um conflito entre a formação “nativa” e a formação “colonial”. E é deste entrelugar que nos apresenta o processo de descoberta e consciência de que não é possível resgatar a África de antes do contato com o colonizador. A personagem Miserinha apresenta-nos um panorama geral da imagem metafórica deste cenário de perda de identidade que permeia a ilha e seus moradores: “Já não vejo brancos nem pretos, tudo para mim são mulatos”. (COUTO, 2008. p. 20.).

Neste debate sobre a identidade, nesta busca, há um processo ritual realizado pelo protagonista Marianinho. Ao longo do romance, Couto conduz o leitor por diversos rios reais e ficcionais, que Marianinho percorre em busca das suas origens e do seu passado. Ele parte, e é justamente na travessia, na viagem que se descobrem e se compreende enquanto resultado de um processo social e de um contexto político. Há um processo de (re)descoberta: de seu povo, de sua história, de sua cultura e a partir deste processo, (re)descobre-se como indivíduo.

Nascido na ilha, mas habitante da cidade, o jovem é obrigado pelas circunstâncias a um novo olhar para as tradições regionais, a uma tentativa de entender, de explicar o que resultou de sua terra após o processo violento de aculturação que sofreu e descobrir como lidar com esta realidade de ser um povo híbrido, resultado de um processo, o entrelugar entre o que se foi e o que não se é.

5. A TERCEIRA MARGEM DO RIO

A terceira margem do rio narra a história de um homem igual a todos os outros, que repentinamente manda construir uma canoa e passa a viver nela, quebrando, com este gesto, as regras de sua sociedade, os padrões vigentes e entrando na categoria do diferente: ‘Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para estarrecer de todo a gente’. (BRAIT, 1988. p. 106).

O personagem negou-se a viver à margem. Ele assumiu a vida no rio com todas as suas dificuldades. Não queria chegar a parte alguma, queria se manter na travessia – que traz consigo toda a simbologia da existência humana. A escolha do pai sugere a inserção no entrelugar, no não-lugar indicado pela referência a uma “terceira” margem. Se a travessia representa a vida, a embarcação seria o próprio meio de conduzi-la, e é a singularidade com que o pai o faz o que o coloca como um ser de exceção.

Aquele que poderia continuar o projeto do pai fracassa em virtude de sua covardia. O narrador vai ao rio, propõe ao pai que troque de lugar com ele. É neste momento que o filho deixa de ser o personagem narrador e passa a encarnar o papel de herdeiro de uma missão. As palavras do narrador traduzem o sentido latente da opção feita pelo pai: de desafiar as regras, de propor o novo, o diferente, o inesperado: “Pai, o senhor está velho, já fez o seu tanto... Agora, o senhor vem,

não carece mais... O senhor vem, e eu, agora mesmo, quando que seja, a ambas vontades, eu tomo o seu lugar, do senhor, na canoa!..." (BRAIT, 1988. p. 110).

É a ousadia de um e o medo do outro, que constituem o maior contraste entre pai e filho.

6. CONCLUSÕES

Enquanto em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra* o atravessar as águas é apresentado quase como um processo ritual necessário para que o protagonista possa se descobrir enquanto herdeiro de uma identidade cultural e étnica, e ao mesmo tempo vinculado a cultura e a identidade dos colonizadores, ou seja, no entrelugar da existência de quem é resultado de um processo de aculturação - pois é pela travessia do rio que ele volta ao passado e chega às respostas identificando-se como indivíduo e como membro de uma sociedade marcada pela dominação; em *A terceira margem do rio*, o pai se encontra no meio: não há travessia, há opção. A ação se dá no estar ali, este é o resultado. Assim, para Guimarães Rosa o rio não simboliza o processo, ele é o espaço. Não necessita fazer a travessia, mas ser a travessia.

Em *Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra*, é o rio que delimita a separação entre a ilha e a cidade. Esta separação não é apenas territorial, mas também, cultural. Esta distância representa dicotomias: progresso x atraso; tradição x modernidade. O personagem Mariano representa a dúvida, a busca pela autoafirmação. Representa a necessidade de conhecer-se a si mesmo, de estabelecer raízes com um lugar específico.

Em *A terceira margem do rio* o movimento terra/água corresponderia ao desejo do pai de viver o imprevisto, de conhecer o desconhecido, de criar outra margem. Sua opção pelo rio o deixa numa situação limite entre vida-morte: "Porquanto que ele me pareceu vir: da parte de além", assim como o Avô Mariano, de Couto.

Nas duas obras, encontramos uma herança reservado aos protagonistas: Marianinho a compreende e cumpre os pedidos de seu pai-avô; porém, o filho embora compreendendo sua condição e o legado que lhes foi confiado, não consegue assumi-la: "Sou homem depois desse falimento? Sou o que não foi, o que vai ficar calado. Sei que agora é tarde, e temo abreviar com a vida, nos rasos do mundo". (BRAIT, 1988. p. 110).

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRAIT, Beth (crítica e interpretação). **Guimarães Rosa. Literatura Comentada.** 2ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1988.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira – Momentos Decisivos.** 11ª ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2007.

COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra.** São Paulo: Companhia das Letras, 2008.